

AFETOS INTER-RACIAIS, CONFLITUALIDADES E REPRESENTAÇÕES

Jordana Freitas de Sousa¹
Maria Glaucéria Mota Brasil²

Resumo: O presente trabalho discute as representações, os conflitos e tensões que envolvem as relações de casais inter-raciais. Busca, ainda, responder as seguintes perguntas: Como esses casais convivem com atitudes de preconceito em um País que tem a imagem da democracia racial? Como o racismo é visualizado da privacidade familiar diante desta escolha? O estudo debate, ainda, a fragilidade das máscaras de cordialidade, com caráter provocativo, para que a reflexão contribua para a (des)naturalização do preconceito, seja ele apresentado perante a sociedade ou na privacidade do lar.

Palavras-chave: Preconceito racial; relações étnico-raciais; discriminação, família.

Grande parte das obras que tratam das uniões inter-raciais tem como foco o homem branco e a mulher negra ou mulata, esta sendo retratada com sensualidade e libido exacerbada. Assim como em *Casa Grande e Senzala*, nos romances como: *Gabriela cravo e canela* de Jorge Amado e *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

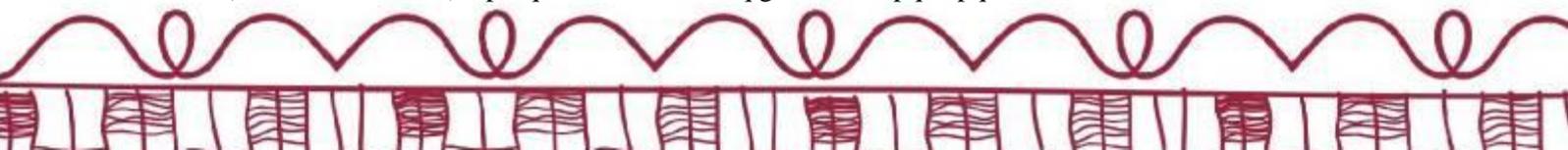
Pelo fato da questão estar centrada na esfera familiar a cordialidade, as máscaras e a polidez ficam mais frágeis. Pois é difícil mantê-las na esfera da vida privada.

Vivemos em um sistema em que raça, status, classe e gênero estão relacionados; e no que diz respeito aos relacionamentos afetivos amorosos, estes se mostram mais passivos de preconceito do que os de amizade. Quantas vezes ouvimos alguém dizer que não é racista por ter amigos negros, mas quando estas mesmas pessoas são questionadas quanto a possibilidade de uma relação afetiva de casal com uma pessoa negra, justifica-se dizendo que se dá bem com negros, mas não se sente atraído por gente *de cor*.

Esta análise trata-se de um desafio, considerando ser um tema que pouco se fala, zona conflituosa que é sempre *deixado pra lá*, mas persistem os conflitos

¹ Aluna do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da UECE, membro do Laboratório de Direitos Humanos Cidadania e Ética(LABVIDA_UECE). jordanafs@gmail.com

² Doutora em Serviço Social(PUC-SP), professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Coordenadora do Laboratório de Direitos Humanos Cidadania e Ética (LABVIDA-UECE) e pesquisadora do CNPq.glaumota@pq.cnpq.br



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

“silenciosos”, as atitudes aparentemente sem importância, que acontecem repetidamente no cotidiano e acabam de certa maneira incorporadas a “normalidade” da vida.

De que adianta buscar a igualdade social para o negro, abrir espaços na sociedade com atitudes políticas e projetos de ações afirmativas, se dentro da intimidade familiar e no convívio social reproduzimos conceitos tão discriminatórios e tão estigmatizantes? Que igualdade se alcançará se o negro continuar sendo sinônimo de tantos signos negativos?

Fernandes(1979) aponta que o “preconceito de cor” constitui-se num mal degradante para quem o pratica, pois revela a existência dos conflitos raciais negados.

“Este é condenado sem reservas, como se constituísse um mal em si mesmo, mais degradante para quem o pratique do que para quem seja sua vítima. A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e as suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas (mantendo-se como lago íntimo); que subsiste no ‘recesso do lar’”(FERNANDES, 1979, p.24).

Na pesquisa que subsidia o presente trabalho, algumas pessoas negras entrevistadas tinham noção de parte das implicações diante da cor da pele, mas só descobriram que esta imprimia um grau hierarquizante ao relacionarem-se com alguém de cor clara.

O estudo em tela realizou análises comparativas das relações conjugais inter-raciais, com o objetivo de descobrir a compreensão dos casais sobre o preconceito racial; confirmar ou não as idéias dos autores, através das falas dos colaboradores; e identificar, com maior proximidade, os impactos na família de ambas as partes e perante a sociedade.

Nas relações sociais brasileiras, o casal visivelmente inter-racial provoca estranhamento por parte das pessoas, ou até mesmo incômodo, sentimento denunciado por “discretos” olhares ou, não necessariamente, prima-se pela discrição.

Em *As elites de cor numa cidade brasileira*, Azevedo(1996) conclui que a “cor preta” é um símbolo de status inferior e que mesmo entre pessoas da mesma classe se constitui num traço diferencial negativo: “Funcionando a cor e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de status, a resistência aos inter-casamentos traduz ao mesmo tempo preconceitos de classe e raça, ou melhor, de ‘cor’.” (op. cit. , p.78) Assim, a cor, numa relação inversamente proporcional à posição social, assume valor



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

negativo, ou seja, quanto mais escura é a cor da pele menor é o status do indivíduo na sociedade.

Existe assim, uma interdição, mesmo que na forma de tabu, dos casamentos ou uniões inter-raciais, pois se um negro se relaciona com uma branca, é dito que ele é apenas mais um conivente a perpetuação do branqueamento social, ou seja, pretende ascender socialmente. Ou se uma branca se relaciona com um negro logo é questionada quanto ao que ela realmente sente por ele.

Florestan Fernandes (1978) afirma que o objetivo da interdição aos casamentos inter-raciais era “impedir a mobilidade social vertical – a passagem do ‘negro’ para a condição de ‘gente’ ou de ‘pessoa respeitável’” (op. cit., p.323-24).

Nas entrevistas realizadas, em um dos muitos diálogos com nossos interlocutores, o Sr Benedito, casado com uma negra, durante a entrevista, não afirmou a negritude da sua mulher uma única vez, todas as vezes que ia se referir à cor da sua esposa tratava-a como morena. Sendo que a própria esposa se identificava quanto negra.

O Sr. Benedito diz não afirmar que sua mulher é negra porque acha “negra” uma palavra muito pesada. Que ela *nem é tão preta assim*. Que só diz que alguém é negro *quando é daqueles pretos bem pretos* e ainda compara gente negra aos macacos.

“Minha filha eu não digo que a minha mulher é negra porque eu acho que negra é uma palavra pesada de mais. Ela *nem é tão preta assim*. Negro pra mim é quanto é bem preto, preto mesmo! Tipo uns que passam na televisão que é direitim um macaco.” (Sr. Benedito branco, casado com D. Elisa, negra)

Outra entrevistada que passa por situações de preconceito com seu próprio parceiro é Amália. Ela mesma afirma que vive sendo humilhada por seu companheiro, que vive conjugalmente com uma negra, no entanto repete sempre que tem preferência por mulheres louras. Amália se sente mais empregada doméstica da casa do seu companheiro, que sua mulher.

Podemos compará-la com Bertoleza personagem do romance de Aluísio de Azevedo, “O Cortiço”. João Romão vive “amasiado” com Bertoleza e passa a explorar seu trabalho. Assim como diz o romance: Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. (AZEVEDO, 1992).



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

Situação semelhante é retratada por Norbert Elias e John Scotson(2000), no livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, quando analisam a relação de poder de um grupo com o outro, grupo dominador classificado com Estabelecido e o dominado de Outsiders

“Nada é mais característico do que o equilíbrio do poder extremamente desigual, nesses casos, do que a impossibilidade de os grupos outsiders retaliarem com termos estigmatizantes equivalentes para se referirem ao grupo estabelecido” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 27)

O branco na sociedade não é entendido apenas como uma cor ou raça, mas também como poder, status social, modelo de beleza, de inteligência e muitas vezes até de caráter. À cor negra, ao contrário, são atribuídos os signos negativos, de marginalidade, feiúra, falta de caráter, dentre outros.

Em outra entrevista, Priscila declara que quanto à escolha dos namorados, não os elege por cor, que não há nada proposital. Contou que os ambientes que ela frequenta nunca têm muitos negros e dos poucos que tem nunca aconteceu alguma paquera, e sempre que se relacionou com alguém foi por afinidade: - *Acho que só namorei brancos pelo meio que vivo, mas não teria problemas em namorar um negro, não vejo diferença. (Priscila, negra, é noiva de um branco).*

Deoclécio foi um dos entrevistados que explicou o fato de nunca ter namorado uma negra por rejeição das próprias mulheres negras em relação aos homens negros.

“A maioria das mulheres negras não se aproximavam muito de mim, já paquerei algumas, mas sempre tinha dificuldade. Sempre tive mais facilidade de conquistar mulheres brancas. Tanto que nunca namorei nenhuma negra e fiquei com poucas.” (Deoclécio, negro, relacionou-se com uma mulher branca)

Os signos que compõem uma imagem negativa do negro estão presentes tanto nos comportamentos daqueles que rejeitam o relacionamento inter-racial como também na fala daqueles que são socialmente identificados como casal inter-racial e discriminados.

Na interlocução com a entrevistada Elisa, primeiro ela falou que tinha orgulho da sua raça, depois ela afirmou com veemência que não casaria com um homem negro. Pois não queria que seus filhos nascessem escuros. Os filhos seriam mais aceitos socialmente se nascessem mais claros que ela. A escolha da mulher negra pelo cônjuge negro, não lhe traria bônus, já que ele é tão discriminado quanto ela.

“Negro? Queria nada! Que cor que ia nascer as crianças? Eu não queria ter filhos pretos não. Eu já tinha sofrido muito. Queria que meus filhos passassem por isso não, queria coisa melhor pra eles. É muito difícil, pra gente, conseguir ser alguém na vida.



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil

Taí hoje estão aí bem criados, bonitos, cheios de amizade e tudo se encaminhando.”
(Elisa, negra, casada com um homem branco)

Essa é uma das situações em que aquele que é discriminado reproduz o preconceito que provoca a discriminação da qual é vítima. E é um exemplo típico de tentativa de branqueamento da descendência.

Quando uma mulher negra, mascarada pelo racismo, escolhe ao homem branco como forma de ascensão, muitas vezes não percebe que a escolha que supostamente a promoveria, simultaneamente, a lança em um circuito de novas formas de discriminações. Nesses espaços, a mulher negra passa a ser duplamente discriminada: como mulher negra que é e como mulher negra que está ao lado de um homem branco sem o qual ela acredita que não teria chegado aonde chegou (SANTOS, 2004, p.59).

Todos os entrevistados negaram que o casamento inter-racial se realiza a fim de atingir um objetivo que não seja o de estar com alguém com quem se tenha afinidade e sentimento. Dizem que os obstáculos são colocados *pelos outros*. Nem mesmo Elisa, que falou claramente que não casaria com homem negro pensando nos filhos que teria. Afirmando que não queria que seus filhos nascessem escuros como ela.

“Acho que quando um casal se une é porque se gostam independente de cor ou raça. Acho que ninguém começa uma relação premeditando os benefícios que vai adquirir nela. De ascensão por cor ou classe.” (Tereza, negra, casada com um homem branco)

“Acho que o importante é que um faça bem ao outro, que se dêem bem. Às vezes a pessoa quer escolher por cor e acaba não dando certo. Não existe isso. Seu par deve ser aquele que combina mais com seu jeito. Independente de cor de pele.” (Camila, branca, relacionou-se com um homem negro)

Em todas as entrevistas identifica-se que nesse tipo de união constituem-se maiores barreiras da parte das famílias “brancas”. Nenhum dos entrevistados negros apontaram problemas quanto à relação em suas famílias, no entanto todos eles apontaram situações de discriminação por parte da família “branca”.

Quanto aos entrevistados que têm filhos, nota-se uma despreocupação em relação à raça na socialização dos filhos, para eles ressaltar diferença e discutir sobre isso seria o mesmo que fomentar o racismo.

“Aqui em casa eu tenho dois meninos que são clarim e o mais velho puxou mais o pai dele. Tem o cabelo de pipoca, mas a pele dele não é tão escura não. Eu nunca falei de assunto de racismo na minha casa porque a gente nunca achou que fosse importante falar disso. Eu sempre pensei que quanto mais falasse, mais importância daria para algo que eu não quero dá importância”. (Laura, branca, casada com um homem negro)

Os casais de gerações mais antigas sempre dizem que discutir sobre isso em casa só pioram as coisas, dizem que é melhor nem lembrar o assunto. Apresentam uma postura de precaução em relação ao assunto.



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil

Em geral as famílias dos cônjuges acabam por tomar a atitude de ficarem “neutras”, fazendo com que uma relação estigmatizada se apresente como uma relação “normal”, mantendo o silêncio. Como se o fato de torná-lo um tabu anulasse as possíveis influências sobre o relacionamento entre as famílias e o casal.

Essa postura adotada pelas famílias sugere o quanto se pode agir de maneira racista sem que se perceba, mascarando atitudes, reproduzindo o conceito de falsa democracia racial.

“O discriminador não reconhece que discrimina e o discriminado não percebe que foi discriminado e não reconhece como auxilia na manutenção das estruturas e dos discursos de discriminação. É uma sociedade em que o reconhecimento é vetado; em que os seus cidadãos não podem olhar.” (SANTOS, 2004, p.31)

Afim de não quebrar a harmonia racial, propaga-se o comportamento que desrespeita achando-se respeitoso perpetua a discriminação velada, na sociedade e no ambiente familiar, gerando pessoas cada vez mais mascaradas. (SANTOS, 2004)

Sérgio Buarque de Holanda definiu o brasileiro como *homem cordial* que usa como disfarce a polidez para preservar suas emoções. Este mesmo *homem cordial* é superficial em sua sociabilidade, e com a fala da Priscila identificamos o quanto ele ainda é presente.

“No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da sua existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica que no brasileiro – como bom americano – tende a ser o que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: ‘Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativoiro’.” (HOLANDA, 1995, p.147)

Sérgio Buarque trata da hospitalidade superficial que o brasileiro tem em meio social, que na verdade isola, e esconde seus verdadeiros sentimentos. Essa atitude ao invés de abranger fecha cada vez mais o círculo de verdadeiros relacionamentos, os tornam inacessíveis e impenetráveis.

Na maioria dos relatos, os entrevistados, detalhando os conflitos familiares perante a relação, dizem que depois de um tempo as famílias “dão o braço a torcer”, ou seja, elas desistem de conflitarem. E com o objetivo de promover a tranquilidade e a harmonia familiar listam uma série de justificativas para a aceitação do fato.

Laura detalhou como foi o início do seu namoro. Primeiro ela disse que o preconceito que existia no Brasil não era racial e sim de classe social. No entanto, ela



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

narra o dia em que apresentou seu atual marido à sua mãe. Como começaram a namorar escondido da família dela, um dia o Sr. Clemente a pressionou para que ela o apresentasse à sua família.

“Mas chegou um dia que ele chegou pra mim e disse que as coisas iam mudar. Que ou a gente namorava em casa ou não namorava mais. Ai quando foi no outro dia ele foi lá em casa com um presente pra mamãe porque era até dia das mães. Quando eu entrei, esta minha mãe....e a minha mãe é morena...ela disse... eu não acredito que tu vai namorar este nêgo! Ai eu disse ... Ah se a senhora souber que ele é mais novo que eu. Ah mas se ele tivesse dinheiro do jeito que ela adorava dinheiro ia ser outra história. Quer dizer ele era preto, pobre e ainda era mais novo que eu. Só que hoje todo mundo é louco por ele lá em casa. O Clemente é muito educado, paciente. Minha família sempre falou dessas qualidades dele, que pra casar comigo tinha que ser alguém como ele mesmo”. (Laura, branca, casada com Clemente, negro).

O choque que a mãe de Laura demonstrou ao ser apresentada ao namorado “preto, pobre e mais novo” e, a atitude repulsiva acabou por ser amenizada quando ela reconheceu *as boas características* de Clemente. O seu caráter abrandou a sua cor e classe social.

Camila relatou que sua família no começo não demonstrou nenhuma reação negativa quanto à sua relação. Mas sempre que iam falar do rapaz atribuindo vantagens na relação amenizavam sua cor com alguma outra característica.

“Ah Camila! Ele é negão, mas é bonitão também e educado. Ele é polido! É diferente! A gente vê que ele te trata bem. A única coisa que ele tem de nêgo é a cor e o cabelo ruim”. (Camila, branca, namorou um negro.)

O ‘mas’ sempre contrabalança o fato de ser negro com alguma outra característica que ameniza o desapontamento em relação à cor.

No caso de Elisa, para que a mãe do Sr. Benedito a enxergasse com bons olhos Elisa *virou branca como ela*, e não era mais preta e sim *morena e afilada*. Ou seja, a mãe do seu esposo não teve que ser vista como de outra cor para ser aceita, mas ela sim.

A fala seguinte retrata o peso do preconceito racial nas relações afetivas no espaço privado.

“Eu tive problemas com a minha sogra porque ela era da família da Raquel de Queiroz e negro pra ela era pra tá era no engenho. No começo ela me chamava de negra dos beijo de num sei o quê, mas aí quando ela viu que eu ia me casar mesmo, ficamos amigas e eu fiquei tão branca quanto ela, aí eu era morena bonita e afilada, e ela depois foi tão boa pra mim que ela fez coisas que a minha mãe não fez”. (Elisa, negra, casada com Benedito, branco).

O interessante é que muitos estudos que abordam essa temática se preocupam com a influência do preconceito de forma direta. Só que no Brasil, mal se toca no



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

assunto, porque não é de “bom tom”, causa constrangimento à denominada cordialidade brasileira. Então uns fingem que não tem preconceitos, outros fingem que acreditam, para serem “educados e cordiais”.

De acordo com os depoimentos e análises aqui desenvolvidos, ainda é evidente o ideal de branqueamento, tanto pela condição social como pela união inter-racial. Esta ainda é a escada para a mobilidade social.

A pesquisa possibilitou a identificação de diversos tabus nas relações inter-raciais. Do meio externo, envolvendo a sociedade e a família, mais incisivamente na família; e internamente, tratando-se dos próprios cônjuges.

A maioria dos entrevistados considera natural o choque de suas famílias perante a escolha de manter um relacionamento inter-racial. E consideram que *isso é normal e que com o tempo se resolve*.

De certa forma, pode-se afirmar que a reprodução do preconceito está intrinsecamente ligada ao conformismo, ao conservadorismo, à indiferença e à naturalização do desrespeito. E a conclusão a que chego é que a existência de relações inter-raciais não se subentende que ali se enfrente o racismo, porque muitas vezes passam-se anos e os membros da relação nem sequer tocam no assunto, escondem as manifestações de racismo que os envolvem além do fato de os próprios membros da relação, acabam por reproduzirem os conceitos discriminatórios, repassando à sociedade os signos negativos associados ao negro, como se fosse algo naturalizado.

Por outro lado, ao invés de neutralizar as desigualdades raciais, muitas vezes elas ficam mais evidentes já que o negro para ser aceito no ambiente privado da família branca ainda tem que “negar” sua identidade, adequando-se a identidade que lhe será atribuída como “negro de alma branca”. Conformam-se em tratar a negritude como seu defeito como na fala do marido de Elisa de que diz que ela *é negra, mas é bonita*.

No Brasil a grande dificuldade para o movimento anti-racismo, segundo Guimarães (2005), é que a sociedade, de um modo geral, não enxerga grandes dificuldades ou problemas com o racismo. Não considera que ele determine algum tipo de desigualdade no País.

O que é difícil constatar como realidade é que o fato de viver uma relação inter-racial não isenta necessariamente um dos cônjuges de racismo. Em muitas falas, muitos interlocutores nem sequer conseguem falar a palavra negra sem olhar para os lados,



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil

como se tivessem falando algo feio, algo impróprio. Essa realidade faz com que se perceba como muitos *signos negativos* associados aos negros ainda são reproduzidos tão fortemente. São práticas que ganham legitimidade diante do silêncio e acabam incorporadas no cotidiano social e familiar de modo naturalizado.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Martins Editora, 1959.
- AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1992
- AZEVEDO, Thales de. **Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, Vol. 42, 1966.
- _____. **Democracia racial: ideologia e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão Social & Classes sociais e grupos de prestígio**, 2. ed., Salvador: EDUFBAIEGBA, 1996. 186p.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Organizado por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CALDERÓN, Adolfo Ignacio. **Família a crise de um modelo hegemônico**. Rondônia: [s/n], 1993.
- CHIZZOTTI, A.. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. d., São Paulo: Cortez, 1996. v. 1. 164 p.
- ELIAS, Norbert ; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes / Vol. 2**. São Paulo: Ática, 1978
- _____. **O negro no mundo dos brancos** . São Paulo: Difel, 1972.
- _____ & BASTIDES, Roger. **Relações sociais entre negros e brancos em São Paulo**. Anhembi: UNESCO, 1955.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 30. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002



25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

_____. **Interpretação do Brasil:** aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas; Tradução: Olívio Monteiro; organização Omar Ribeiro Thomas _São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Sobrados e mucambos:** descendência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano . 3. ed., Rio de Janeiro: [sn] , 1961.

FUNE, Eurípedes Antônio. **Negros no Ceará.** In. Uma nova história do Ceará. SOUZA, Simonede (org) Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed.34, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil.** 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1972.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo:** uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, 05 de maio de 2003.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco:** estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco.** Rio de Janeiro: 2004.



VI ENECULT | encontro de estudos multidisciplinares em cultura

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

